

Ciência Lúdica para Estudantes do Ensino do Médio

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Ceres. CEP: 76.300-00.

Palavras-Chave: *Lúdico, Ciência, Ensino.*

Introdução

A ciência procura compreender eventos existentes na natureza e no universo que muitas vezes fazem parte de nosso cotidiano (ALVES, 2000). É indispensável que as experiências de cada indivíduo, mesmo que estas o levem a conhecimentos do senso comum, sejam valorizadas no processo de aprendizagem.¹ Embora o cotidiano dos estudantes é carregado de tecnologias, estudos mostram que há grande desinteresse dos mesmos em aprender ciência e isso está fortemente ligado à abordagem metodológica do educador presa ao tradicionalismo.⁴ Neste sentido, o estudo científico deve ser mais atrativo e a imaginação e a criatividade dos estudantes devem ser exploradas.

Cruz, 2015, demonstra em seus estudos que animações e ilustrações prendem a atenção e instigam a curiosidade dos estudantes, sendo assim, materiais lúdicos podem ser utilizados como ferramenta pedagógica no processo de ensino e aprendizagem.² Para o presente trabalho foram desenvolvidos várias ilustrações que representam eventos que só podem ser entendidos através de conhecimentos científicos, desta forma trabalha-se com os estudantes a ciência de forma lúdica buscando motivá-los a partirem do senso comum e atingirem o conhecimento científico.³

Resultados e Discussão

Foram ministradas duas oficinas direcionadas a estudantes do Ensino Médio, nesta ocasião foram apresentadas ilustrações relacionadas à química e à física, como exemplo, vide a Figura 1. O tema abordado foi o comportamento e a interação das moléculas e todas as ilustrações foram desenvolvidas para relacionar situações abstratas com interações humanas. A ideia foi comparar a explicação teórica e científica com algo familiar ao cotidiano dos estudantes.

Primeiramente os alunos foram incentivados a entender o que o desenho transmitia de acordo com sua imaginação, em seguida foi explicada a relação entre o que foi retratado na ilustração com a ciência e por fim, a explicação teórica na qual foi baseada. O que se observou foi que a maioria dos participantes demonstraram-se interessados em aprender ciência após serem instigados através das ilustrações.

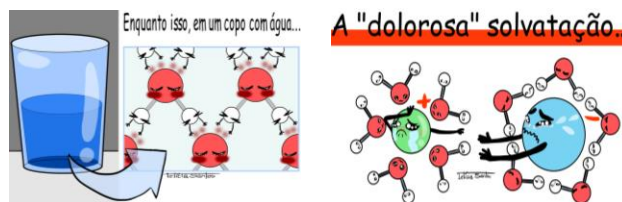


Figura 1. (a) Representação do comportamento das moléculas de água e (b) sal. Autoria própria.

Foram realizadas entrevistas não-estruturadas e não-disfarçadas, onde os entrevistados eram participantes das oficinas e foram selecionados aleatoriamente. Os dados obtidos mostraram que grande parte dos entrevistados se sentiram motivados, entenderam os conceitos científicos com maior facilidade e que tinham o desejo de que o material lúdico fosse usado em outros conteúdos da ciência, e até mesmo em outras disciplinas.

Conclusões

O material lúdico proporcionou ao aluno maior liberdade de imaginar e de se expressar, o que possibilitou uma maior interação durante a oficina. Esse tipo de material se mostrou eficaz como ferramenta pedagógica de ensino. Em trabalhos futuros temos como objetivo elaborar materiais com temas diversos dentro da ciência de forma interdisciplinar para contribuir com um aprender prazeroso e criativo.

Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto Federal Goiano-Campus Ceres e à Universidade Estadual de Goiás-Campus Ceres.

¹ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

²CRUZ, T. M. G. dos S. **Enquanto Isso na Sala de Justiça...História em Quadrinhos no Ensino de Química**. XIV, 116 f.: il. Goiânia, 2015.

³FRANCELIN, M. M. **Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos**. Ci. Inf., Brasília, v.33, n. 3, p.26-34, set./dez. 2004.

⁴REZENDE, C. N. et. Al. **Principais motivos pelo pouco interesse no estudo de Ciências na concepção de estudantes do oitavo e nono ano do ensino fundamental em escolas estaduais de Araguatins/to**. ISBN 978-85-62830-10-5 VII CONNEPI, 2012.

⁵SEVERO M. F. da S. **As hqs como ferramenta pedagógica em sala de aula**. Revista Inelências. v. 4, n. 1 (2015).

